

• ENSAIOS

A DIALOGIA NA PRODUÇÃO DO TEXTO ESCRITO

Inez Sautchuk*

Resumo: Este artigo pretende comentar características peculiares da produção textual escrita, quando tomada como interlocução que se realiza já no próprio indivíduo-escritor. Todo aquele que escreve bifurca-se sempre entre um escritor-ativo e um leitor-interno, antecipando funções e atividades que são tradicionalmente consideradas exclusivas apenas em situação de produção oral.

Palavras-chave: texto escrito; leitura e escrita; ensino da língua.

TEXTO ESCRITO: UMA INTERLOCUÇÃO INTERNA

■ **O** ato de escrever como processo e o texto escrito como produto desse ato precisam ser descritos, compreendidos e didaticamente exercitados para que se cumpra talvez uma das funções mais necessárias do ensino da língua. Ao considerar esse ato como atividade dialógica e dinâmica que se realiza como primeira interlocução (internamente ao sujeito-escritor) pode-se, finalmente, expor uma nova e mais eficiente proposta pedagógica para a textualização escrita.

Propomos que em todo indivíduo-escritor convivem duas figuras atuantes, *in tempora et loco*, no momento da produção textual. Assim sendo, o texto escrito é resultado de uma peculiar interação cognitiva, orientada por conhecimentos, estratégias e habilidades diferentes mas simultaneamente equilibradas entre aquilo que denominamos um *escritor-ativo* de fato e um *leitor-interno*, co-enunciador e monitor do processo textualizador que se opera.

* Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP.

A situação imediata de produção escrita, que nos surge com as características de uma dupla atividade, articula procedimentos lingüístico-textuais e cognitivos comuns ao ato de ler e ao próprio ato de escrever. Pode-se criar, então, um modelo de textualização que auxilie não só a compreensão do que seja esse ato de escrever assim concebido, como também propicie à escola o desenvolvimento de estratégias de ensino da língua materna mais bem direcionadas para a produção textual escrita.

Autorizados por um princípio inerente à própria linguagem, que prevê todo ato verbal como interativo, podemos afirmar que também escrever é um processo de interação comunicativa realizado *internamente* no indivíduo-escritor, antes mesmo de ele atingir a interação externa com um receptor ausente. O ato de escrever, como o concebemos, realiza-se em *presença* de um emissor e de um receptor internos, ambos assumindo, na missão de produzir sentido ao texto, os papéis de um *ser-que-escreve* e o de *um-ser-que-monitora-esse-ser*, não em uma sucessão, num intervalo temporal e num distanciamento espacial, mas no momento mesmo da produção textual.¹ Nesse momento, aquele que escreve se bifurca em enunciador e co-enunciador, surgindo a figura do *leitor-do-próprio-texto*, o que faz que o texto escrito seja resultado de uma co-ação, seja um produto da atuação ininterrupta e alternada de um ser que escreve e lê, lê e escreve.

Dessa forma, o ato verbal de elaboração do texto escrito, por ser internamente interativo, torna-se também uma integração de estratégias de produção de texto com estratégias de recepção de texto, unindo e efetivando uma relação muito próxima entre leitura e escritura² *num processo simultâneo*. Um indivíduo-escritor (assim considerado por nós como qualquer pessoa que se proponha a elaborar um texto escrito) será mais ou menos eficiente, dependendo de sua capacidade ou da possibilidade de ativar (ou não) as diversas estratégias cognitivas e metacognitivas de processamento da escritura e da leitura. Acreditamos que essa eficiência também será dependente da quantidade e da qualidade do acervo de modelos lingüístico-textuais e semânticos que esse indivíduo fixou durante seu percurso de aprendizagem da língua. É por meio de ambas essas variáveis que se poderia demonstrar ou explicar por que determinados indivíduos têm maior ou menor capacidade de produzir textos escritos e, principalmente, como, em situação escolar, a atuação do aluno-escritor poderia ser melhorada.

TEXTO ESCRITO E SUA SITUAÇÃO IMEDIATA DE PRODUÇÃO

Tem-se considerado o funcionamento da comunicação escrita como uma realização *in absentia*, isto é, como uma modalidade do uso da língua que se realiza numa *disjunção temporal e espacial*, com um emissor dirigindo-se a um receptor ausente e um receptor recebendo uma mensagem de um

¹ Variações desse intervalo temporal, maior ou menor, são dependentes de uma série de fatores que envolvem cada indivíduo-escritor e dizem respeito a diferenças desde as de natureza cognitivas, até as relativas à competência e/ou desempenho lingüístico-textual desse indivíduo.

² Usamos o termo *escritura* simplesmente por analogia à mesma natureza mórfica de *leitura*.

emissor também ausente:

Emissor	-->	Ø
Ø	-->	Receptor

A conseqüência mais imediata dessa situação de comunicação seria considerar-se o texto escrito como um produto autônomo e distante das condições do momento de produção e, sendo assim, algo bastante diferenciado do discurso oral, que se organiza em grande parte segundo a situação em que evolui.

Visto apenas desse ângulo, o ato de escrever seria um mero esforço unilateral do emissor para compensar, por meio de procedimentos discursivos e lingüísticos específicos, a ausência de seu interlocutor no momento da elaboração textual (ainda que este, de fato, reconstrua, posteriormente, o sentido do texto). Entretanto, consideramos que em toda atividade de escrita existem *duas* figuras de receptor: aquela que chamamos de *leitor-externo*,³ destinatário ausente no momento da produção do texto e aquele leitor co-autor, presente, a quem chamamos de *leitor-interno*, cuja função é a de satisfazer as expectativas de sentido do texto *antes* que o leitor-externo o faça.

Se refizermos o percurso de produção de um texto escrito, considerando-o como produto de atividade verbal, mas agora dessa nova perspectiva, veremos que o texto escrito, semelhante ao oral, continuará envolvendo e exigindo a figura de duas entidades constituídas lingüística e psicossocialmente: o indivíduo-escritor e o leitor-externo. A diferença é que ambas as figuras passam a interagir representativamente no momento da produção (a segunda sendo uma pós-imagem do LI), “construindo” a coerência do texto em *posições espaciais* iguais, ativando seus respectivos conhecimentos extralingüísticos e lingüísticos.

Sabe-se que o escritor-enunciador (ou indivíduo-escritor) se vale de impulsos de motivação, finalidade e realização, tendo em vista a figura do leitor-externo. Tem a intenção de que a superfície de seu texto funcione como um espelho a refletir o sentido que objetiva e, para isso, estrutura seu texto da melhor maneira possível. Esse leitor-externo, por sua vez, também impulsionado por fatores de motivação, finalidade e realização, recebe um produto pronto em sua superfície textual e *reconstrói cognitivamente*, a partir dela, um sentido implícito (que pode ser ou não o mesmo do plano original do escritor).

Também na produção do texto escrito, tanto numa relação simples entre indivíduo-escritor/leitor-externo como entre os dois interlocutores internos, ocorre um fenômeno interpretativo dinâmico de compreensão cognitiva. O que queremos frisar é que, além de ser uma atividade verbal em que se necessita de um domínio específico do código escrito por parte daquele que escreve (e que lê), o ato de escrever funciona, além do que tem sido apresentado por teóricos da Lingüística Textual, também como *um ato pragmático* que envolve esses *dois* interlocutores internos, escritor

³ Vamos referir, a partir de agora, *leitor-interno* como LI, *leitor-externo* como LE e *escritor-ativo* como EA.

e leitor (devidamente representados como um *escritor-ativo* – EA, e um *leitor-interno* – LI), *no momento da produção*, e não em posições espaço-temporais diferentes. É esse fato que acaba por constituir a situação imediata de produção textual peculiar do ato de escrever.

Dessa forma, acompanhamos Fonseca & Fonseca (1977, p.85), para quem o texto deve ser visto como produto de um ato de fala, como discurso, isto é, como enunciado que traz em si as marcas do processo de enunciação, não somente as marcas lingüísticas que funcionam como instruções de leitura, mas aquelas de escolha e de adequação às “finalidades próprias de cada intento de comunicação em situações específicas”. Para nós, o texto escrito exhibe forçosamente as marcas das ações cumulativamente desenvolvidas pelo produtor bifurcado do texto e, ainda posteriormente, pelo leitor-externo, numa situação exclusiva de leitura. Dessa maneira, não só a escolha e a adequação de instruções de processamento de sentido seriam duplamente firmadas e confirmadas pelo autor/co-autor internos do texto, como também todo texto assim produzido carregaria em si as marcas bem definidas da sua situação imediata de produção – a situação da escritura.

Essa característica específica da produção escrita, que exige instruções textualizadoras *guiando* o LE na (re)construção de sentido do texto, atesta bem a responsabilidade de quem escreve (e de quem monitora o que é escrito) e a conseqüente exigência de que este desenvolva saberes e habilidades para tamanha tarefa.

TEXTO ESCRITO: O PAPEL DO LEITOR INTERNO

Costuma-se citar uma série tradicional de características textuais e contextuais do produto escrito, mas das quais não nos ocuparemos aqui. O que nos interessa de fato são apenas aquelas propriedades que diferenciam o texto escrito marcado por sua auto-suficiência contextual inerente e necessária, porém derivadas das condições de produção preconizadas por nós: um indivíduo-escritor bifurcado em dois co-produtores.

Como, a nosso ver, o texto escrito se realiza dialogicamente entre esses dois co-produtores, considerá-lo como unidade lingüística, semântico-formal e pragmática demanda algumas observações. Primeiramente, assume relevância a necessidade de o indivíduo-escritor saber operar gramaticalmente a língua, exercendo sobre ela um domínio tanto no campo lexical como no da morfossintaxe, e a do co-autor em (re)conhecer a (a)gramaticalidade das construções lingüísticas. Esse ponto, que diz respeito à competência lingüística de “ambos”, é extremamente delicado e envolve, além do próprio conceito de (a)gramaticalidade, os de produtividade e arbitrariedade da língua. É possível analisar até que ponto o leitor-interno, semelhantemente ao externo, *compensa* a agramaticalidade das frases de um texto (em diferentes graus de ocorrência e de gravidade), fazendo um *esforço semântico* de compreensão dos enunciados, e o que isto acarreta ao princípio da “boa formação” do texto.⁴

4 Em nossa experiência docente, pudemos perceber que todo “esforço semântico” de aceitabilidade de coerência do texto,

quando realizada por um LI mal preparado, resulta sempre num texto fora das exigências mínimas de “boa formação”.

Também em relação a essa “boa formação”, o texto escrito exige sempre uma articulação entre a capacidade de o EA oferecer instruções de leitura (com base nos elementos e mecanismos de coesão e coerência) e a de o LI reconhecer essas instruções e confirmá-las como adequadas e eficientes para o objetivo comunicativo. Uma vez que o sujeito enunciador é bifurcado (embora seja ao mesmo tempo um único indivíduo), o equilíbrio entre as habilidades de “ambos” deriva de uma série muito complexa de fatores que vão desde os basicamente textuais até os de natureza cognitiva, fatores esses dos quais não podemos nos ocupar agora.

Descobrir como atua e, principalmente, como deveria atuar o LI nessa tarefa conjunta de estabelecimento da coerência pode ser a diferença entre o bom e o mau textos, entre o escritor proficiente e o ineficiente. Vejamos, entretanto, por que é como unidade pragmática que o texto escrito manifesta talvez suas características mais intrínsecas.

Não nos é desconhecido que todo texto, independentemente de sua modalidade, evidencia-se pelas intenções do produtor, pela auto-imagem que cada um dos interlocutores faz de si, pela relação, enfim, dos signos lingüísticos com seus intérpretes. No texto escrito, essas relações assumem um caráter dinâmico e altamente definidor. O ato de escrever, dialogicamente concebido *in praesentia*, torna-se uma relação bilateral (na medida em que o produtor do texto pode desempenhar dois papéis) e reversível: o indivíduo-escritor torna-se, ao mesmo tempo, um EA e um LI. É essa propriedade dialógica do ato de escrever que permite que o texto produzido seja o resultado de uma *réplica* produtiva, que faz que a informação transmitida progrida, transforme-se, satisfazendo uma integridade semântica ideal do texto: a dialogia na produção escrita nada mais é do que a existência de um indivíduo-escritor que, num movimento discursivo constante entre seu EA e seu LI, tem uma intenção comunicativa que se realizará semântica e lingüisticamente em função de um LE.

Percebe-se, assim, por que considerar o texto escrito como unidade lingüística, semântico-formal e pragmática exige referirem-se características especiais, todas derivadas da possibilidade de se considerar o ato de escrever como um diálogo simultâneo, o que transforma esse jogo discursivo do escrever em um quadro acentuadamente dinâmico.

Nesse jogo, o LI realiza operações de natureza lingüístico-textual e cognitiva adequadas não para expressar verbalmente a intenção comunicativa originária de um EA, mas para confirmá-la e, se preciso, para *ordenar, comandar* a (re)estruturação do processo de produção escrita.

Essas operações, entretanto, não poderão ser realizadas da mesma maneira que o foram pelo EA, pois, se assim for, o texto manterá o mesmo grau de eficiência (e lamentavelmente de ineficiência) comunicativa: o comportamento do LI em relação ao processamento de sentido do texto deverá ser diferente do comportamento anterior do indivíduo como EA. Para isso, esse LI deverá *desautomatizar* certas posturas cognitivas típicas de um LE, tornando-as atitudes ou estratégias conscientes de verificação ou de confirmação do objetivo comunicativo inicial.

O LI, na sua função de co-escritor do texto, deve exercê-la conscientemente, pois dele depende toda a eficácia comunicativa do texto que se escreve. Parece-

nos que a atitude de um EA é a mesma de um LE diante de um texto de pouca complexidade: uma atividade muito mais onomasiológica,⁵ semelhante à que se verifica numa leitura do tipo descendente. Essa atitude, porém, da perspectiva de quem escreve como EA, costuma ter um efeito muito mais desastroso do que eficiente (principalmente se levarmos em consideração o caso de um indivíduo-escritor em fase de aprendizagem, ou da parte de “maus” escritores): o automatismo comportamental de um EA impede que se façam as devidas “correções” ou adaptações lingüístico-semânticas que um texto bem elaborado necessita. Por isso, a necessidade de um LI controlando o ato de escrever, ainda que sua atuação também seja dependente da própria competência lingüístico-textual do indivíduo-escritor.

Esse pormenor exige-nos um último ponto de reflexão: se a competência do LI é necessariamente igual à do EA, como confiar na capacidade de o primeiro corrigir e confirmar a qualidade comunicativa do texto que se produz?

A resposta não está só e exatamente na possibilidade de competências iguais nem na qualidade do conhecimento lingüístico-textual do indivíduo-escritor, mas na *mudança de postura cognitiva* assumida pelo LI. O papel que ele desempenha no processo de produção escrita depende de uma série de fatores que agem entre si e que o levaria a ter um comportamento que, a nosso ver, é basicamente o de ter sempre uma postura metacognitiva (consciente, portanto) de aferição do texto: ao automatismo cognitivo de produção escrita característico do EA sucede-se (ou deve-se suceder) sempre uma atuação controlada, de caráter necessariamente semasiológico, de processamento da superfície textual, realizada pelo LI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o momento em que se considera o processo da realização textual escrita como uma atividade interacional entre dois interlocutores *in praesentia*, constituindo ambos, porém, uma única entidade, amplia-se a natureza desse processo para além do essencialmente lingüístico. O produto desse processo – o texto escrito – cerca-se, portanto, de todas as características que seriam inerentes ao próprio processo, ou seja, aquelas também de natureza pragmática e semântica: todo texto deve ser fruto de uma motivação psicossocial, ter uma finalidade semântica e realizar-se como unidade lingüístico-textual.

O LI, por ser um pré-leitor externo e como coadjuvante de todo processo de escritura, assume várias das características desse LE e transforma outras em características muito próprias desse momento de interação discursiva. Além disso, a partir de uma mesma competência lingüístico-textual, o LI deve assumir posturas de exercício dessa competência de maneira bastante diferente das que normalmente exerce o EA. É extremamente necessário, por exemplo, que o LI *não compense* uma possível agramaticalidade das frases, exercendo o princípio da aceitabilidade da coerência textual, como o faria normalmente um LE. Essa atitude é necessária, pois a linguagem escrita necessita muito mais da estrutura

5 A *semasiologia* é, *lato sensu*, o estudo do sentido, que parte do significante para o significado; e a *onomasiologia* é o estudo do sentido, que parte do significado para o significante.

aparente, microestrutural, do texto do que a falada: a escrita *precisa* apoiar-se inevitavelmente no contexto lingüístico. E é o LI o guardião dessa estrutura, sem o que nenhum LE poderá fazer nenhum tipo de leitura posterior.

No diálogo interno à situação imediata de produção escrita, quando se realiza a “acomodação intersubjetiva” (Adam, 1990) primeira e que gerará a significação final do texto para o LE, a ênfase recai sobre a figura do primeiro alocutário, o LI. Cabe a uma pedagogia da textualização *educar* esse LI, pois é ele quem, na verdade, “escreve” o texto.

Referências bibliográficas

- ADAM, J. M. *Éléments de linguistique textuelle*. 2.ed. Liège: Mardaga Éditeur, 1990.
- CHARTIER, A.-M., HÉBRARD, J. *Discours sur la lecture*. Paris: BPI, Centre G. Pompidou, 1989.
- _____. *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*. Porto alegre: Artes Médicas, 1996.
- DENHIÈRE, G. *Lecture, compréhension de texte et science cognitive*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- FLOWER, L. A cognitive basis for problems in writing. *College English (Illinois)*, v.41, p.19-36.
- FONSECA, F. I., FONSECA, J. *Pragmática, lingüística e ensino de português*. Coimbra: Almedina, 1977.
- SAUTCHUK, I. *A produção dialógica do texto escrito (Um modelo de textualização)*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- SMITH, F. Reading like a writer. *Language Arts*, n.60, p.558-67, 1980.

Abstract: *This article intends to comment about the particular characteristics of written production, when considered as an interlocution that happens in the writer himself. Everyone who writes is divided between an active-writer and an inner-reader, anticipating functions and activities which are traditionally considered as exclusive only in oral production situations.*

Keywords: *written text; reading and writing; language teaching.*

